

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4252761>



A CRESCENTE INFLUÊNCIA CHINESA NO CENÁRIO GLOBAL: ALGUMAS PERCEPÇÕES

*Charles Pennaforte*¹

*Kássia Schierholt*²

*Nairana Bones*³

Resumo

A China é considerada uma das principais potências econômicas mundiais e tem uma importante parceria comercial com diversos países, elementos que fizeram com que o país ganhasse grande relevância no cenário global. O presente artigo tem como objetivo analisar de maneira crítica a influência da China no Sistema Internacional e as suas implicações em relação ao mundo ocidental. Sendo assim, este trabalho abordará a ascensão da China como gigante econômico; seu crescente papel como principal parceiro comercial de outros Estados; o megaprojeto multilateral conhecido como Iniciativa Cinturão e Rota, que têm permitido com que a China ganhe ainda mais importância e poder; e a recente Guerra Comercial com os Estados Unidos. Por conseguinte, estes fatos tornam o gigante asiático um forte concorrente que desafia a primazia estadunidense, o que pode originar uma mudança na ordem internacional.

Palavras chave: China; Iniciativa Cinturão e Rota; Poder Brando; Relações Internacionais.

Abstract

China is considered one of the main economic powers in the world and has an important trade partnership with several countries, elements that made the country gain great relevance in the global scenario. This article aims to critically analyze the influence of China in the International System and its implications for the Western world. As such, this paper will address China's rise as an economic giant; its growing role as the main trading partner of other states; the multilateral mega-project known as "One Belt, One Road", which has allowed China to gain even more importance and power; and the recent Trade War with the United States. Therefore, these facts make the Asian giant a strong competitor that defies USA hegemony, which can lead to a change in the international order.

Keywords: China; International Relations; One Belt One Road; Soft Power.

A China viveu um grande importante crescimento econômico nas últimas décadas, impulsionado por provocou uma mudança no seu status no Sistema Internacional. O país conquistou maior espaço, transcendeu da periferia para uma posição privilegiada na economia internacional e tornou-se um ávido competidor que desafia a primazia dos Estados Unidos que desde o fim da Guerra Fria, ainda é a principal potência mundial.

O declínio da primazia estadunidense parece se configurar nos termos analisados por Wallerstein (2004) por um lado, e no declínio do atual ciclo sistêmico de acumulação analisado por Arrighi (1996)

¹ Doutor em Relações Internacionais e professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Coordenador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA)/UFPEL. E-mail: charles.pennaforte@ufpel.edu.br

² Acadêmica do curso de Relações Intencionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Membro do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA)/UFPEL. E-mail: kassia_ps@hotmail.com

³ Bacharel em Relações Intencionais e mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pesquisadora do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA)/UFPEL. E-mail: nairanabones@gmail.com



por outro. A atuação assertiva e até mesmo beligerante em alguns momentos da administração Donald Trump, reflete esse processo em que Beijing vem assumindo a dianteira tecnológica e geopolítica.

Como consequência, a China tem buscado um papel mais influente no cenário internacional, aumentando a sua atuação e as suas relações diplomáticas e comerciais com outros países. Essa nova posição pode ser percebida e constatada por diversos setores da sociedade, como também no dia-a-dia da população em que começou a comprar e visualizar cada vez mais a presença de produtos chineses.

A ascensão do gigante asiático pode ser apontada como elemento-chave de uma possível nova ordem global, por ser um país que não faz parte do centro sistêmico tradicional e ser considerada uma potência que teve um crescente e importante *boom* econômico nos anos 1990. Além disso, a China tem representado aproximadamente 30% do aumento do PIB mundial nos últimos anos, tornando-se a maior exportadora e a segunda maior potência econômica do mundo (LIU; DUNFORD, 2016). O país atualmente tem escalado patamares nas listas de parceiros estratégicos comerciais mais relevantes de diversos países, como é o caso do Brasil desde 2009.

A China criou nos últimos anos, novos projetos paralelos às instituições internacionais tradicionais já existentes comandadas por potências ocidentais. Uma perspectiva antissistêmica muito interessante frente aos interesses do centro sistêmico capitalista tradicional (PENNAFORTE, 2020). Exemplo disso, tem participação na criação, como membro-fundador, do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII) e do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), circunstância que coloca a China em posição de destaque na busca por um equilíbrio de poder no Sistema Internacional, tornando-se uma alternativa para os países do Sul Global que buscam desenvolvimento econômico.

Além disso, o grande projeto multilateral de investimentos da China chamado Iniciativa Cinturão e Rota, conhecido também como Nova Rota da Seda, surgiu no início do mandato presidencial de Xi Jinping, em 2013, como estratégia preponderante de sua política externa, que seria uma série de investimentos em infraestruturas e trocas comerciais em diversos países. Com o projeto, a China tem pressionado e reforçado por meio dos discursos do líder chinês para que os países participantes pratiquem uma política multilateral no cenário comercial.

A iniciativa que possui duas frentes, uma terrestre e uma marítima, irá conectar os países ao longo do oceano pacífico ocidental até o Mar Báltico, o que somará mais de 60% da população global, 30% do PIB mundial e 35% do comércio internacional (BENVENUTO, 2018). O projeto tem deixado aberto também para países de regiões que não são o foco, mas que tenham interesses nesses acordos bilaterais, como é o caso da América Latina.

No que se refere aos investimentos da Nova Rota da Seda, importante mencionar que majoritariamente são realizados por empresas chinesas. Nesse sentido, outro ponto que deve ser



observado, é que os chineses não deixam de investir em países que passam por crises políticas e econômicas, o que a primeira vista pode parecer arriscado, mas que também pode ser apontado como uma possível estratégia para a China; pois por não receberem pelo investimento, passam a ter o domínio das construções por longos anos, como o caso do porto Hambantota no Sri Lanka.

Ademais, o megaprojeto passa geopoliticamente por importantes países que tem produtos primários, como principais itens de exportações. No segmento terrestre há a construção de grandes linhas ferroviárias e rodoviárias ligando principalmente a China à Europa, integrando os dois continentes, a Eurásia. Por outro lado, o segmento marítimo do projeto se preocupa com a construção de portos conectando a China à África. Curiosamente, com a estruturação de portos em outros países, a China também tem buscado fortalecer a sua Marinha para proteger suas rotas e seu domínio nos mares.

A Iniciativa Cinturão e Rota preocupa os Estados Unidos, pois além da China ter um crescimento econômico grandioso nas últimas décadas, tornou-se o principal parceiro comercial de vários países, que inclusive tinham uma forte influência estadunidense; o projeto multilateral é mais um receio por ser um caminho em que a China aumenta ainda mais seu poder econômico e de influência.

Com a posse de Donald Trump em 2017 à presidência dos Estados Unidos, as relações China-EUA ficaram mais estremecidas. Trump, que durante sua campanha prometia um protecionismo, anunciou a aplicação de tarifas a produtos chineses já em 2018, o que culminou em um acirramento das tensões entre essas duas maiores potências econômicas, a chamada Guerra Comercial. Como reação às tarifas impostas pelos norte-americanos, as empresas chinesas passaram a diminuir ou evitar investir nos EUA, fazendo com que o valor de investimento chinês no país americano caísse consideravelmente.

A guerra durou um pouco mais de 2 anos, e passou a amenizar com a assinatura do acordo comercial, em 15 de janeiro de 2020. Contudo, pode-se constatar que com acordo ou sem acordo, tensões continuariam, pois se tratam de duas potências econômicas em disputa pelo poder; enquanto os Estados Unidos tem como objetivo manter sua posição, a China por sua vez surge como uma nova possibilidade de mudança da atual ordem mundial, tendo em vista suas tentativas de criar maior autonomia frente aos dilemas impostos pelo ocidente. A China visualiza a consolidação de um mundo multipolar em diversos âmbitos, enquanto os Estados Unidos defendem um discurso neoliberal, mas na prática utilizam uma política comercial doméstica protecionista.

Mesmo com o acordo comercial, a pandemia de COVID-19 voltou a complicar as relações entre China-EUA, por revelar mais uma vez as diferenças históricas, culturais e ideológicas que existem entre as duas potências. Trump parece aproveitar-se do surgimento do vírus em solo chinês para culpabilizar a China pelos tempos difíceis que o mundo tem enfrentado, enquanto utiliza-se do mesmo motivo para



intensificar as tensões com o país asiático e justificar suas medidas protecionistas principalmente a produtos chineses.

Devido a 2020 ser um ano muito atípico em diversos segmentos, é muito difícil ter uma previsibilidade de como serão e quais serão os resultados pós-pandemia. Entretanto, pode-se afirmar que a China teve uma queda de 6,8% em seu PIB no primeiro trimestre deste ano em relação ao ano passado; importante mencionar que esta foi a primeira queda trimestral sofrida pelo país desde 1992 (G1, 2020). Visto isso, importante acrescentar que vive-se uma crise que está atingindo até mesmo os países que estavam mais estáveis economicamente.

Portanto, por apresentar grande relevância na dinâmica internacional, é inquestionável a importância da China no cenário atual. Um país que surge no Sul Global e que desafia a primazia dos Estados Unidos, mas que ao mesmo tempo em que é importante para a própria economia estadunidense, exemplo disso é a Guerra Comercial que gera consequências negativas não só para a China, mas para ambos os países.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1996.

BENVENUTO, Laura Martucci. “A Nova Rota da Seda: conquistas e controvérsias”. **Anais do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa**. Rio de Janeiro: ABED, 2018.

G1. “Com pandemia, economia da China encolhe 6,8% no 1º trimestre, primeira queda da série histórica”. **G1** [16/04/2020]. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 05/10/2020.

LIU, Weidong; DUNFORD, Michael. “Inclusive globalization: unpacking China's Belt and Road Initiative”. **Area Development and Policy**, vol. 1, n. 3, September, 2016.

PENNAFORTE, Charles. **Movimentos antissistêmicos e Relações Internacionais**. Pelotas: Editora UFPEL, 2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Declínio do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 12 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima